REVISTA DE CULTURA VISUAL
e-ISSN 2184-1284

N.º 18 | 2026

A Paragem em Casa Branca: Abandono e Vestígios de Resistência Numa Viagem de Comboio Até Beja

The Stop at Casa Branca: Abandonment and Traces of Resistance on a Train Journey to Beja

https://doi.org/10.21814/vista.7427
e026019

Rosário Rosa

João Aldeia

© Autores

Vista, N.º 18, 2026, e026019
https://doi.org/10.21814/vista.7427

A Paragem em Casa Branca: Abandono e Vestígios de Resistência Numa Viagem de Comboio Até Beja

Rosário Rosa
Departamento de Ciências Sociais e de Gestão, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal/Centre for Functional Ecology – Science for People & the Planet, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

João Aldeia
Departamento de Ciências Sociais e de Gestão, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal/Centre for Functional Ecology – Science for People & the Planet, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

Resumo

A partir de viagens ferroviárias realizadas semanalmente entre Almada e Beja, este ensaio visual parte da fotografia enquanto dispositivo analítico, que originou uma reflexão sociológica sobre a dimensão territorial do núcleo tanatopolítico do biopoder na modernidade capitalista, com foco nas linguagens e materialidades de abandono e de resistência reveladas no espaço público. A viagem de 170 km entre as duas cidades implica uma mudança de linha em Casa Branca, local no qual é traçada uma cesura no exercício do poder. Se, até aí, podemos considerar que ainda estamos sob a alçada do biopoder, teorizado por Michel Foucault; depois de Casa Branca, o exercício do poder torna-se descontínuo, colocando quem habita o interior alentejano um passo mais próximo do ponto no qual a política da vida se converte em política de morte. As vidas destes sujeitos são abandonadas pelo poder, ainda que só em parte, o que permite compreender a relação entre a vida e a morte, que funda o poder como algo instável, oscilando ao longo de um eixo que tem nos seus polos *bios* e *tanatos*. Dado que este abandono parcial contrai as suas condições de possibilidade de vida, há quem resista no interior alentejano, o que se pode observar nos múltiplos graffitis pichados no comboio que liga Casa Branca a Beja e nos graffitis inscritos nas paredes desta última cidade, com mensagens antifascistas, que se opõem ao recrudescimento contemporâneo da política de morte promovida pela extrema-direita. Entre ausências e permanências, este ensaio visual expõe um território marcado por formas de abandono, mas também de resistência, em que a memória do passado e as lutas do presente são evocadas para afirmar a esperança numa vida boa que, necessariamente, tem de assentar no reconhecimento da nossa humanidade comum. Metodologicamente, o texto inscreve-se numa prática artesanal e deambulatória da pesquisa, traduzindo-se numa experiência de imaginação sociológica fragmentária, que parte das fotografias para levantar linhas de reflexão, sugestões e possibilidades interpretativas inacabadas.

Palavras-chave
Alentejo, biopoder, fotografia, resistência, tanatopolítica

The Stop at Casa Branca: Abandonment and Traces of Resistance on a Train Journey to Beja

Abstract

Drawing on weekly train journeys between Almada and Beja, this visual essay uses photography as an analytical device to support a sociological reflection on the territorial dimension of biopower's thanatopolitical core in capitalist modernity. The analysis focuses on the languages and materialities of abandonment and resistance manifested in public spaces. The 170 km

journey between these cities requires a change of train at Casa Branca, where a caesura in the exercise of power is drawn. Up to this juncture, the journey remains within the scope of biopower as theorised by Michel Foucault; beyond Casa Branca, however, the exercise of power becomes discontinuous, bringing inhabitants of the Alentejo interior one step closer to the threshold where the politics of life transitions into the politics of death. Thus, power partially abandons these individuals' lives, illuminating the unstable relationship between life and death that defines power as oscillating between *bios* and *thanatos*. This partial abandonment restricts life's conditions of possibility, prompting some residents of the Alentejo interior to resist, as evidenced by the graffiti on the train connecting Casa Branca to Beja and on the walls of Beja itself, which display anti-fascist messages opposing the contemporary resurgence of the politics of death promoted by the far right. Amid absences and remnants, this visual essay uncovers a territory characterised by both abandonment and resistance, where memories of past and present struggles are invoked to affirm hope for a good life grounded in the recognition of shared humanity. Methodologically, the essay is anchored in an artisanal, peripatetic research approach, presenting a fragmentary sociological imagination that uses photographs as a foundation for developing lines of reflection, suggestions, and open-ended interpretative possibilities.

Keywords
Alentejo, biopower, photography, resistance, thanatopolitics

Memória Descritiva

Este ensaio visual resulta de uma reflexão sociológica desenvolvida a partir de viagens ferroviárias semanais entre Almada e Beja, realizadas ao longo de um semestre. Construído a partir da reflexão sobre uma experiência pessoal de mobilidade, o ensaio dá conta de uma investigação em trânsito orientada por princípios metodológicos que se aproximam do que Machado Pais (2013) descreve como um "método peripatético e deambulatório", que, neste caso, permite ativar o olhar sociológico ao longo do trajeto que liga as duas cidades. Neste sentido, a reflexão apresentada foi construída a partir de uma experiência de observação direta que se traduziu na vivência imersiva e situada do deslocamento, observação essa que foi orientada por uma curiosidade espontânea capaz de captar os ritmos do quotidiano, ainda que, maioritariamente, de modo fragmentário.

As fotografias foram captadas com um telemóvel durante o trajeto, sem planeamento prévio, acompanhando o caráter transitório e contingente da própria experiência das viagens. Rompendo com o logocentrismo, que subordina a imagem ao texto verbal (Becker, 1995; Campos, 2007; Pais, 2013), atribui-se às fotografias o estatuto epistemológico de dispositivos autónomos de pensamento e de interpelação (Campos, 2007).

Mais do que documentar paisagens ou infraestruturas, as imagens procuram captar atmosferas, ritmos, continuidades e interrupções, revelando formas diferenciadas de viver a mobilidade e o território. O gesto fotográfico acompanhou os múltiplos tempos mortos da espera, os momentos de transição entre linhas, os detalhes das carruagens, os vestígios inscritos nas paredes e as materialidades que emergem durante o percurso. São fotografias produzidas em trânsito, marcadas pelo movimento do corpo, pela instabilidade do olhar sociológico e pela dimensão situada da experiência.

A estação de Casa Branca assume-se, metodológica e simbolicamente, como um lugar central de paragem. A espera na plataforma desabrigada da estação, muitas vezes prolongada para lá de qualquer previsibilidade, e a mudança entre comboios revelam uma passagem abrupta para formas distintas de gestão da vida, do cuidado, da precariedade e do abandono. Este espaço ferroviário transformou-se, assim, numa espécie de laboratório empírico para (re)pensar as articulações entre mobilidade, abandono territorial e opressão.

Já na cidade de Beja, o ensaio detém-se, sobretudo, nos graffitis pichados e *stencils* que inscrevem mensagens políticas e visuais, que surgem como fragmentos de resistência nas paredes de Beja. As referências ao antifascismo, aos cravos da revolução de abril, a Catarina Eufémia, às lutas feministas ou a Gaza revelam marcas da memória coletiva, mas também de afirmação política renovada, inscritas no espaço público. Estas expressões não são tratadas como elementos periféricos da paisagem, mas como formas de produção simbólica que disputam sentidos sobre o território, o passado e o presente.

O ensaio resulta de um processo colaborativo entre dois sociólogos. Rosário Rosa realizou as viagens, produziu os registos fotográficos e experienciou diretamente os ritmos, os atrasos, as temperaturas, os espaços de espera e as materialidades do percurso ferroviário. João Aldeia acompanhou o processo através de diálogos em torno das imagens e dos relatos, imprimindo um olhar exterior sobre a experiência documentada. O ensaio foi construído nesse movimento oscilante entre proximidade e distância, acompanhando a própria lógica das viagens de comboio: entre partidas e chegadas, continuidades e interrupções, velocidades distintas, mudanças de linha e diferentes formas de refletir sobre o mesmo percurso.

Também a escrita surge dessa dinâmica colaborativa. O texto foi desenvolvido como exercício partilhado de reflexão e diálogo, procurando construir uma narrativa visual e sociológica capaz de tornar visíveis formas de opressão estrutural e quotidiana, mas também práticas dispersas de resistência e de afirmação política. Assim, este ensaio propõe-se como um dispositivo crítico de observação, exposição e reflexão sobre mobilidade, memória, abandono e resistência num território do interior de Portugal.

Ensaio

A viagem de comboio entre Almada e Beja são cerca de 170 km, com uma mudança de linha em Casa Branca, e tempo previsto de um pouco mais de duas horas. Aparentemente, trata-se de uma distância e de um tempo relativamente curtos, que aproximam duas cidades ao sul do Tejo. Contudo, quem entra no comboio intercidades no Pragal (Almada) com destino a Beja embarca numa experiência marcada pela imprevisibilidade e pela descontinuidade (Figura 1).



Figura 1. *Comboio intercidades Lisboa–Évora, estação do Pragal*

Créditos. Rosário Rosa

Para pensar o que esta viagem revela sob a aparência da sua normalidade, este ensaio mobiliza uma abordagem visual que, estando ancorada na sociologia, não descura a dimensão experiencial e sensível da experiência deambulatória (Pais, 2013), que, informando esta disciplina, pode permitir expandir os modos convencionais de produção de conhecimento académico, abrindo possibilidades analíticas para lá das convencionais. Em diálogo com a sociologia e a antropologia visuais (Banks, 2001; Becker, 1995; Harper, 2012), as imagens apresentadas são tomadas como artefactos polissémicos e heurísticos cujo sentido não é encerrado pela escrita, resultando em pistas de leitura que encaramos como interpretações abertas e sugestivas que são oferecidas à reflexão do leitor à semelhança da diversidade de experiências possíveis numa mesma viagem.

Circular entre estas duas cidades foi-nos revelando diversas expressões quotidianas, quase banais, da forma como, na modernidade capitalista, o poder é exercido de modos que tornam certas vidas mais árduas do que outras. Michel Foucault (1997/2006) defendeu que, do século XVII em diante, o "direito de matar *ou* deixar viver" característico do poder soberano (p. 257) se tornou secundário face ao biopoder, um mecanismo de poder que visa "intervir sobre a maneira de viver e sobre o 'como' da vida" (p. 264). Segundo Foucault (1976/1994), tendo como propósito central proteger e moldar a vida, este novo mecanismo de poder desloca a morte para um lugar periférico, já não a concebendo como a punição última da infração, mas tornando-a, precisamente, naquilo que se pretende evitar.

Sabemos, contudo, que o biopoder nunca perde uma relação umbilical com a morte (Agamben, 1995/1998; Esposito, 2002/2011; Mbembe, 2016/2019). No centro do biopoder esteve sempre um ímpeto tanatopolítico — ou, nos termos de Mbembe (2016/2019), "necropolítico" — que revela que, na modernidade capitalista, a política da morte continua a ser o motor escondido da política da vida. A tanatopolítica expressa-se numa miríade de exercícios de poder pelos quais populações inteiras são abandonadas à possibilidade arbitrária de outrem decidir matá-las ou reduzi-las à mera sobrevivência biológica, assim impedindo-as de experienciarem qualquer coisa que se aproxime de uma vida boa (Agamben, 1995/1998). No limite, estas populações são reduzidas à "abstracta nudez de ser unicamente humano e nada mais" (Arendt, 1951/2010, p. 394). Nos casos menos extremos, as suas condições de possibilidade de vida são contraídas por quem exerce o poder até ao limiar da sobrevivência, não sendo biologicamente mortas por um ato soberano, mas também não lhes sendo permitida a fruição e a dignidade que são *conditio sine qua non* da vida boa.

Viajar de comboio entre Almada e Beja mostra que este núcleo tanatopolítico do biopoder opera através de cesuras territoriais que, demarcando espaços contíguos dentro de um mesmo Estado-nação, revelam uma linha a partir da qual o biopoder é interrompido e a tanatopolítica magnificada. Uma destas linhas é traçada em Casa Branca (Figura 2 e Figura 3).



Figura 2. *Estação de Casa Branca*

Créditos. Rosário Rosa



Figura 3. *Estação de Casa Branca*

Créditos. Rosário Rosa

O que deveria ser apenas uma mudança de linha é, na verdade, uma paragem, uma interrupção abrupta, não apenas da viagem, mas de uma continuidade imaginada. A estação funciona como uma plataforma de passagem, com um intervalo, muitas vezes, prolongado no tempo. O comboio de ligação tem como hora de partida alguns poucos minutos depois da chegada daquele que vem de Lisboa. Mas, invariavelmente, atrasa-se, sem anúncio ou explicação, como se a partir daquele lugar já não fosse permitido reclamar direitos. Este tempo morto não é exceção. Ele faz parte da experiência recorrente desta viagem. Casa Branca não é apenas um nó ferroviário, é uma espécie de limiar onde o tempo deixa de obedecer à lógica da eficiência e da previsibilidade e passa a expor outra temporalidade, mais lenta, mais instável, mais desigual.

O poder não se exerce em Almada, junto à capital portuguesa, do mesmo modo que se exerce em Beja, capital distrital do interior alentejano. Não se trata de quem está para lá desta linha ficar exposto à pureza cruel do "direito de matar", mas de, passada Casa Branca, a relação umbilical entre biopoder e tanatopolítica se revelar nas pequenas coisas de um modo muito mais óbvio. Em Casa Branca, sai-se do comboio que vem de Lisboa, rápido, moderno, limpo, cuidado, com ar condicionado, e entra-se no comboio que faz o circuito Évora–Beja–Évora, sujo, descuidado, sem ar condicionado ou ventilação, barulhento, envelhecido e lento. Um comboio onde permanece inscrito um destino que já não lhe corresponde (Caldas da Rainha) e vários graffitis (Figura 4, Figura 5 e Figura 6) que o carregam de cores, letras e formas arredondadas — atos de afirmação

identitária, para quem reconhece os códigos, ou de transgressão, para quem os desconhece, que acrescentam camadas de tempo, visibilidade e expressão ao material circulante já em fim de vida.



Figura 4. *Comboio que faz a ligação de Beja a Casa Branca, com destino a Évora*

Créditos. Rosário Rosa

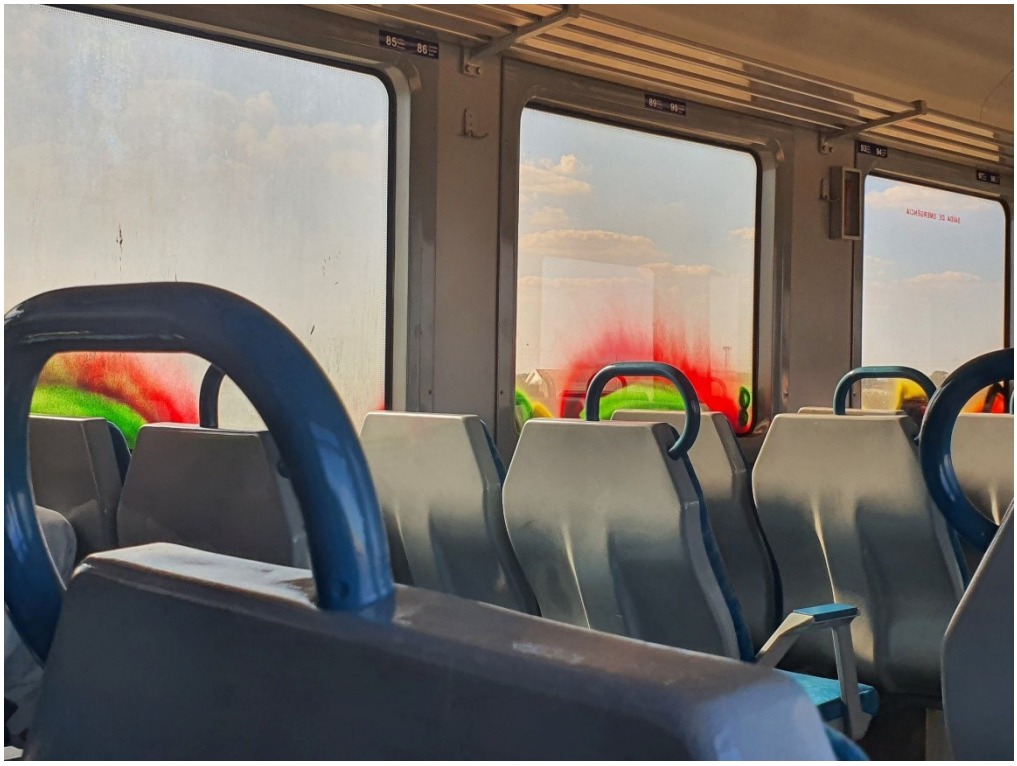


Figura 5. *Interior do comboio Casa Branca–Beja*

Créditos. Rosário Rosa

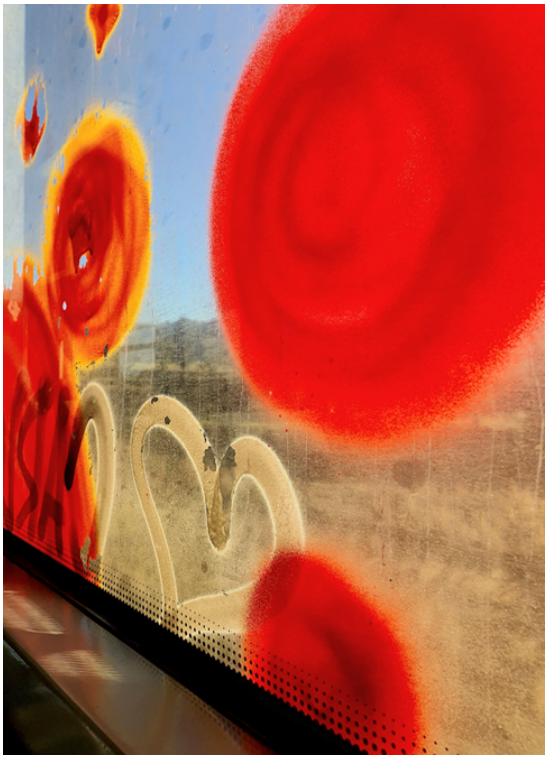


Figura 6. *Carruagem do comboio Casa Branca–Beja*

Créditos. Rosário Rosa

Ao avançar para sul, a paisagem muda lentamente (Figura 7). O Alentejo não se impõe de imediato, ele vai-se abrindo em extensão. As longas planícies amarelas, a rarefação de elementos verticais e a exposição contínua do horizonte produzem uma experiência da distância que não é apenas visual, mas material, corpórea. O espaço parece estender-se, mas essa abertura não significa proximidade: significa dispersão, afastamento, intervalo prolongado. Aqui, a distância deixa de ser apenas algo a percorrer e passa a ser algo que se vai incorporando ao ritmo do velho comboio que nos transporta devagar.



Figura 7. *Vista da janela do comboio Casa Branca–Beja*

Créditos. Rosário Rosa

Para lá de Casa Branca, o poder torna-se descontínuo. As populações do interior alentejano não são inteiramente ignoradas pelo poder. Moldar a forma como podem ou não viver está, por vezes, na mente daqueles que exercem o poder a partir da capital nacional. Contudo, o poder leva estas populações em conta de modo muito mais esporádico do que ocorre com aquelas que vivem nas cidades do litoral, mostrando quotidianamente que o estímulo da sua vida não é uma prioridade.

Quem vive no interior do Alentejo não enfrenta, por isso, o fim da *zoē*, da vida biológica, que, na Grécia clássica, era percebida como "o simples facto de viver" (Agamben, 1995/1998, p. 11), que aproximava os seres humanos dos animais não-humanos. Porém, pensando nestas populações, torna-se difícil negar o núcleo tanatopolítico da modernidade capitalista. Dia após dia, as condições de possibilidade de vida destas pessoas vão sendo contraídas por um modo de exercer o poder que permite a continuação do corpo e da espécie, mas vai dando pequenas mortes políticas, culturais e espirituais àqueles que, meramente, vão sobrevivendo. *Bios* e *tanatos* não são alternativas excludentes; são os polos de um eixo ao longo do qual o exercício do poder pode assumir diversas posições e nuances.

Passar a linha de Casa Branca é recuar no tempo — e, em Beja como noutros lugares, se recuarmos muito, regressamos ao fascismo. Marx (1852/2008) tinha razão: a história acontece sempre duas vezes, primeiro como tragédia, depois como farsa. Ou, talvez, como Bauman (2007) precisa, a história acontece duas vezes, sim, mas a verdadeira tragédia é o facto de se repetir. Neste caso, regressamos a um fascismo que persiste como memória — de dor e de luta — no seio de uma atualidade que insiste em negar a recordação, fazendo-a esfumar-se, mas sem conseguir apagá-la por completo.

No interior alentejano que se abre depois de Casa Branca, fica claro que nem todas as transformações estruturais da sociedade portuguesa ao longo dos últimos 50 anos conseguiram desligá-la totalmente da experiência histórica do fascismo. Em Beja, permanece a memória do abandono absoluto pelo Estado Novo, no qual o poder apenas se mostrava, de forma esporádica e arbitrária, nos momentos em que as classes dominantes decidiam matar ou escolhiam não o fazer. As continuidades entre o passado e o presente levam a que, hoje, em locais como Beja, o poder esteja presente, mas de modos que revelam as suas fissuras (Figura 8). Os comboios passam por lá, mas a linha férrea convencional entre Casa Branca e Beja, apesar de sucessivas promessas de modernização, "não se encontra eletrificada, o que obriga à utilização de material circulante obsoleto, constituído por antigos comboios a diesel, mais lentos, poluentes e menos cómodos" (Câmara Municipal de Beja, 2024, p. 27). As estações em que estes param foram planeadas pelo poder central, mas pouco depois foram deixadas entregues ao seu próprio destino, sem a necessária manutenção nem conforto para quem por lá tem de esperar por um comboio que poderá ou não chegar quando está previsto.



Figura 8. *Graffiti* stencil *numa parede da cidade de Beja*

Créditos. Rosário Rosa

Em Beja, capital de distrito, encontramos uma pequena e velha estação reduzida ao essencial (Figura 9 e Figura 10): uma bilheteira, alguns painéis de azulejo que evocam a vida dos camponeses de outrora, os velhos comboios grafitados a cores, e pouco mais. Não existe um bar, um posto de carregamento elétrico ou sequer uma máquina onde se possa comprar água para enfrentar as viagens longas e quentes, num lugar onde facilmente os termómetros ultrapassam os 40 °C. As casas de banho existentes encontram-se fora de serviço — de modo temporário ou permanente, a sorte ou o azar o dirão (Figura 11).



Figura 9. *Comboio de ligação a Casa Branca, estação ferroviária de Beja*

Créditos. Rosário Rosa



Figura 10. *Comboio de ligação a Casa Branca, estação ferroviária de Beja*

Créditos. Rosário Rosa



Figura 11. *Casa de banho, estação ferroviária de Beja*

Créditos. Rosário Rosa

Quem vive no interior alentejano não é, plenamente, levado em conta por aqueles que exercem o poder a partir da capital nacional. É-o por vezes, mas nunca com a consistência longitudinal exigida pelo biopoder. Desde 1974, houve, claro, uma intenção inicial de abarcar este território na lógica do biopoder, subordinando o espaço e as suas gentes aos mesmos mecanismos de poder que se construíam pelas cidades do litoral. E, de modo, geralmente, tímido ou, pontualmente, ufano, tais intenções manifestaram-se várias vezes. Mas ocorrem sempre de modo pontilhista, por surtos, manifestações soltas de um desejo de exercer o poder e moldar as vidas que são tão rapidamente interrompidas quanto foram iniciadas. Uma empresa de grande dimensão muda a sua sede para o Alentejo, um ministro inaugura uma obra pública com o seu séquito de jornalistas, um

investidor internacional descobre que o seu dinheiro pode ser mais bem investido numa monocultura de olival ou de amendoal do que em títulos do tesouro.

Nisto, o território é transformado — fica lá a estação e, apesar dos percalços, ainda há comboios a circular. As vidas de quem lá vive foram alteradas pela necessidade de deslocação, pelos tempos de espera, pelo desconforto do comboio que ainda não chegou ou que ainda não partiu. As fissuras do poder dilatam-se pouco a pouco, quem o exerceu não presta mais atenção ao local e as suas gentes, as que permanecem, são deixadas somente com os resquícios de um ato governamental que se vai esfumando pouco a pouco.

Nas últimas décadas, a população de Beja envelheceu[1], a contestação social que marcou outros tempos foi-se apagando e, nos últimos anos, como tem ocorrido em múltiplos locais espalhados pelo mundo, o fascismo voltou a ganhar força. Porém, a resistência perdura nas paredes da cidade marcadas pelas memórias dos que, por instantes, pensaram ter diante de si amanhãs que cantariam. Na cidade, encontram-se múltiplos graffitis pichados e *stencils* com referências às lutas antifascistas do passado, como os cravos vermelhos (Figura 12) ou a imagem de Catarina Eufémia, bem como alusões contemporâneas ao feminismo e ao massacre de Gaza (Figura 13).



Figura 12. *Graffitis* stencil *numa parede em Beja*

Créditos. Rosário Rosa

[1] O índice de envelhecimento em Beja passou de 138,1 em 2000 para 162,4 em 2025 (PORDATA, s.d.).



Figura 13. *Graffitis numa parede em Beja*

Créditos. Rosário Rosa

Socialmente percebidas entre a arte e o vandalismo, estas inscrições expressam tentativas de apropriação simbólica da cidade através das quais os seus criadores reclamam "uma existência que, apesar de cilindrada pelo anonimato citadino e pelos poderes que regulam o espaço urbano, se consegue fazer ouvir (ou ver)" (Campos, 2009, p. 155). Ainda que resultem de práticas transgressoras pouco organizadas, estes graffitis pichados e *stencils* permitem aos seus autores anónimos participar na disputa política em torno dos significados e usos do espaço público — mesmo que, uma vez inscritos na materialidade das paredes da cidade, possam ser reapropriados por outros atores que, tão anónimos quanto os anteriores, procuram destruir a ordem do discurso original, como se pode observar nos vários *stencils* antifascistas presentes em Beja nos quais a palavra "anti" foi, deliberadamente, rasurada.

Nestas paredes, a memória da dor e da luta permanece, mas a resistência também se renova e amplia, dando conta não só do mal-estar local, como da brutalidade extrema de outros lugares (Figura 14). Beja não é Gaza, local onde a relação entre *bios* e *tanatos* que está no centro da política moderna capitalista se desequilibra absolutamente, abandonando quem lá existe à possibilidade ubíqua de ser morto. No interior alentejano, passando a linha de Casa Branca, avançamos um degrau em direção a *tanatos*, mas o poder não se converte no puro "direito de matar". Ainda assim, no meio de um abandono parcial, mas sofrido, há em Beja quem esteja com Gaza, percebendo que qualquer esperança remanescente perante um fascismo que teima em querer regressar só pode fundar-se na nossa humanidade comum.



Figura 14. *Pintura urbana no centro de Beja, da autoria de Cristina Matos (2025)*

Créditos. Rosário Rosa

Referências

Agamben, G. (1998). *O poder soberano e a vida nua: Homo sacer* (A. Guerreiro, Trad.). Presença. (Trabalho original publicado em 1995)

Arendt, H. (2010). *As origens do totalitarismo* (R. Raposo, Trad.). Dom Quixote. (Trabalho original publicado em 1951)

Banks, M. (2001). *Visual methods in social research*. SAGE.

Bauman, Z. (2007). *Modernidade e ambivalência* (M. Penchel, Trad.). Relógio D'Água. (Trabalho original publicado em 1991)

Becker, H. S. (1995). Visual sociology, documentary photography, and photojournalism: It's (almost) all a matter of context. *Visual Studies, 10*(1–2), 5–14. https://doi.org/10.1080/14725869508583745

Câmara Municipal de Beja. (2024). *Diagnóstico social do concelho de Beja*. Divisão de Desenvolvimento e Inovação Social – Equipa Radar Social. https://cm-beja.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/Social/Diagn%C3%B3stico%20Social%20Beja%202024.pdf

Campos, R. (2007). *Pintando a cidade: Uma abordagem antropológica ao graffiti urbano* [Tese de doutoramento, Universidade Aberta]. Repositório Aberto. http://hdl.handle.net/10400.2/765

Campos, R. (2009). Entre as luzes e as sombras da cidade. Visibilidade e invisibilidade no graffiti. *Etnográfica*, *13*(1), 145–170. https://doi.org/10.4000/etnografica.1292

Esposito, R. (2011). *Immunitas. The protection and negation of life* (Z. Hanafi, Trad.). Polity. (Trabalho original publicado em 2002)

Foucault, M. (1994). *História da sexualidade I. A vontade de saber* (P. Tamen, Trad.). Relógio D'Água. (Trabalho original publicado em 1976)

Foucault, M. (2006). "*É preciso defender a sociedade". Curso no Collège de France (1975-1976)* (C. Oliveira, Trad.). Livros do Brasil. (Trabalho original publicado em 1997)

Harper, D. (2012). *Visual sociology*. Routledge.

Marx, K. (2008). O 18 de Brumário de Louis Bonaparte. In J. Barata-Moura, E. Chitas, F. Melo, & A. Pina (Eds.), *Marx e Engels. Obras escolhidas em três tomos. Tomo I* (pp. 430–528). Avante. (Trabalho original publicado em 1852)

Mbembe, A. (2019). *Necropolitics* (S. Corcoran, Trad.). Duke University Press. (Trabalho original publicado em 2016)

Pais, J. M. (2013). O cotidiano e a prática artesanal da pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia, 1*(1), 119–141. https://doi.org/10.20336/rbs.26

PORDATA. (s.d.). *Índice de envelhecimento*. Retirado a 2 de outubro de 2026, de https://www.pordata.pt/municipios/indice%2Bde%2Benvelhecimento-458

Notas Biográficas

Rosário Rosa é socióloga, professora auxiliar no Departamento de Ciências Sociais e de Gestão da Universidade Aberta, investigadora integrada do Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra, e colaboradora no Observatório Nacional de Violência e Género. Integra a Cooperativa Cultural Memória Imaterial, participando em projetos de recolhas orais e registos fotográficos de expressões do património cultural imaterial. É fotógrafa amadora, participa, em vários espaços digitais e fóruns de fotografia, tendo sido convidada, em 2023, a participar no anuário de fotografia do coletivo Fotógrafas en el Mundo. No âmbito de um projeto de investigação-ação — *MAIs – Mulheres Agricultoras em Territórios do Interior* —, foi uma das autoras e responsáveis pela curadoria da exposição fotográfica *Das Mãos às Vozes das Mulheres Agricultoras* (2023) sobre histórias de vida e saberes tradicionais de mulheres agricultoras do interior de Portugal. Os seus interesses de investigação centram-se nas desigualdades sociais e de género, saúde, ambiente e natureza, e património cultural imaterial.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9299-0897
Email: maria.rosa@uab.pt
Morada: Rua Almirante Barroso, n.º 38, 1000-013 Lisboa, Portugal

João Aldeia é sociólogo com trabalho desenvolvido sobre biopolítica e tanatopolítica, vida na rua, pobreza, ética multi-espécies, extinção de espécies, agricultura de plantação, anarquismo, entre outros temas. Recentemente, tem estudado a proposta política e ecológica da obra de Ursula K. Le Guin. É professor auxiliar convidado no Departamento de Ciências Sociais e de Gestão da Universidade Aberta e investigador no Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8047-2694
Email: alvesaldeia@gmail.com
Morada: Rua Almirante Barroso, n.º 38, 1000-013 Lisboa, Portugal

Submetido: 15/05/2026 | Revisto: 07/09/2026 | Aceite: 07/09/2026



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.